



O trabalho encarnado entre a pesquisa e a história pessoal

Licia Maria Andrade de Carvalho Magalhães¹

RESUMO

A imersão no tema da pesquisa se faz não somente através de leituras e contato através de metodologias como uso de questionários, entrevistas, histórias de vida, revisão bibliográfica, etnografia dentre outras, mas também, através do encarne na pesquisa, quando é possível, através da própria história, memórias, vivências e leituras de mundo fazer o agenciamento do tema. Este texto tem como objetivo apresentar a pesquisadora encarnada que pesquisou o trabalho na informalidade de jovens mulheres de Monte Gordo, Camaçari/BA, em diálogo com a presença constante do trabalho informal na própria família. A metodologia usada foi a revisão bibliográfica sobre o assunto e a própria memória, recurso admitido e reconhecido quando se faz o encarne. Considera-se que este artigo pode colaborar com quem deseje desenvolver esta metodologia na sua pesquisa e assim agenciar mais seguramente o próprio tema.

Palavras-chave: Pesquisadora encarnada, trabalho informal, memória.

Abstract: The immersion in the research topic is done not only through readings and contact through methodologies such as the use of questionnaires, interviews, life stories, bibliographic review, ethnography, among others, but also through the incarnation of the research, when possible, through the research itself, history, memories, experiences and readings of the world to organize the theme. This text intends to present the incarnated researcher who researched the informal work of young women from Monte Gordo, Camaçari/BA, in dialogue with the constant presence of informal work in the family itself. The methodology used was the bibliographic review on the subject and the memory itself, an admitted and recognized resource when making the flesh. It is considered that this article can collaborate with those who want to develop this methodology in their research and thus manage the theme more securely.

Keywords: Embodied researcher, informal work, memory.

¹ Professora de Português da rede estadual da Bahia, Mestra em Crítica Cultural/UNEB, membro do Grupo Enlace, pesquisadora das questões de gênero, sexualidades e trabalho.

Resumen: La imersión en el tema de la investigación se hace no solamente a través de lecturas y contacto a través de metodologías, como la utilización de cuestionarios, entrevistas, historias de vida, revisión bibliográfica, etnografía, además de otras metodologías, pero también a través de 'encarne' en la investigación, cuando es posible, a través de la propia historia, memorias, experiencias y lecturas de mundo, hacerse la agencia temática. Este texto pretende presentar la investigadora encarnada que ha investigado el trabajo informal de jóvenes mujeres de Monte Gordo, Camaçari/BA, en diálogo con la presencia constante del trabajo informal en sus propias familias. La metodología utilizada ha sido la revisión bibliográfica sobre el asunto y la propia memoria, recurso admitido y reconocido cuando se hace el 'encarne'. Considerase que este artículo puede colaborar con quien desea desarrollar esta metodología en su investigación y así agenciar más seguramente su propio tema.

Palabras-clave: Investigadora encarnada, trabajo informal, memoria.

Introdução

Este texto é parte integrante da minha dissertação, defendida em 14/12/21, intitulada: “Quem vê close, não vê corre!!!” O trabalho na informalidade de jovens mulheres em Monte Gordo, Camaçari/BA, pelo programa em pós-graduação Crítica Cultural/UNEB – Campus II, sob a orientação da Prof^a Dra. Suely Aldir Messeder. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “A baianidade e o(a) empreendedor(a) em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os(as) microempreendedores(as) e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari”, selecionado pelo Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (PRONEM), tornando o Grupo Enlace um Núcleo Emergente.

O PRONEM, em conformidade com a Lei nº 10.197/01 e o Decreto nº 3.807/01 que regulamenta o Fundo Setorial de Infraestrutura, em 2014, lançou um edital pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Fundação de Direito Público vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (SECTI), em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com a finalidade de apoiar a execução de projetos de grupos de pesquisa emergentes, sob a coordenação de pesquisadores doutores, vinculados a instituições de ensino superior e/ou pesquisa científica e/ou tecnológica, públicas ou particulares sem fins lucrativos, localizadas no Estado da Bahia, assim como, com o objetivo de consolidar linhas de pesquisa prioritárias, induzindo a formação de novos para atuarem nas diversas áreas do conhecimento.

O trabalho realizado por mulheres sempre foi marcante no cenário brasileiro e para corroborar com isso a pesquisa em questão foi sobre as jovens moradoras do distrito de Monte Gordo, Camaçari/BA, que trabalham por conta própria, aumentando assim a parcela das pessoas que sobrevivem na informalidade neste país. Na trilha percorrida para conhecer o que sabem fazer, como aprenderam e se desenvolvem estas jovens que empreendem na informalidade neste distrito, utilizei procedimentos metodológicos qualitativos combinando a memória da professora pesquisadora encarnada com a revisão bibliográfica e os dez questionários aplicados de forma remota com as ex-estudantes do Colégio Estadual de Monte Gordo, onde sou professora, em decorrência do contexto pandêmico provocado pelo coronavírus.

Identifiquei que a maioria das jovens se autodeclaram negras, de classes menos abastadas, heterossexuais, trabalhadoras por conta própria. Tratando-se do letramento constatei que a aprendizagem se dá pela observação de outras formas de fazer e pela busca de mais informações na internet e em cursos. Nas atividades laborais desenvolvidas e no funcionamento do negócio listei trabalhos no ramo alimentício, da beleza e moda, os quais dialogam mais com o ethos do cacete armado², marcados pelo imprevisto e criatividade. Por fim, no que diz respeito ao empreendedorismo destaca-se a parceria entre o Governo do Estado e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE para implantar nas escolas o incentivo ao empreender, o que se entende como uma política neoliberalista. Desta forma, registra-se a importância de conhecer formas de aprender e a

² Nos estudos sobre os microempreendedores baianos na cidade de Camaçari, a Prof^a Dra. Suely Messeder, identificou uma expressão relacionada ao repertório linguístico dos baianos, que é o “cacete armado”, termo usado para referir-se a estruturas improvisadas, muitas vezes, para a realização de atividades econômicas. As pesquisas já realizadas indicaram ser uma marca da baianidade. A referida pesquisadora diz que não propõe fazer uma simples interpretação de tal categoria nativa, tampouco uma crítica aos valores, “mas empreender uma experimentação produtora e consequente.” (MESSEDER, 2020, p. 23). Ela chama a atenção para as questões de classe envolvidas na representação do cacete armado e que este também é, muitas vezes, um “puxadinho” – construção que pode ser feita no mesmo terreno da residência para fazer vendas ou prestar serviços à comunidade do entorno e assim atender às necessidades de sobrevivência através do trabalho informal. Sobre o assunto, há os seguintes artigos já publicados: MESSEDER, S.A. Entre o familiar e o exótico: uma reflexão sobre o saber-fazer dos(as) empreendedores(as) baianos(as) ou trabalhadores(as) por conta própria. In: MESSEDER, S. A.; GALEFFI, D.A. Analista Cognitivo: uma profissão interdisciplinar. 01 ed. Salvador: EDUFBA, 2019, pp 67-82; MESSEDER, S. A. A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre microempreendedores na cidade de Camaçari. In: MATTÁ, Alfredo Eurico Rodrigues.; ROCHA, José Cláudio (org.) Cognição: aspectos contemporâneos da construção e difusão do conhecimento. 1 ed. Salvador: Eduneb, 2016, pp 225-242. MESSEDER, Suely A. A crítica da razão baiana e a economia informal: os/as barraqueiros/as como microempreendedores e o. In: GONÇALVES, Clézio Roberto; GOMES Janaína Damasceno; MUNIZ, Kassandra da Silva. (Org.). Pensando Áfricas e suas Diásporas: aportes teóricos para a discussão negro-brasileira. 01 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015, v. 01, p. 304-325.

construção de saberes, sem hierarquizá-los, principalmente quando são mulheres que os possuem e os disseminam.

A pesquisadora encarnada é uma modelagem ética, estética e política, desenvolvida no âmago do grupo de pesquisa Enlace, como nos lembra Clebemilton Nascimento (2020). Ainda sobre esta modelagem, Suely Messeder (2020) pontua que é um “saber fazer científico” (p.47), que se dá através do agenciamento do tema de pesquisa quando quem pesquisa imerge nas suas memórias e identifica seus atravessamentos, faz suas escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas. E foi através da pesquisadora encarnada que identifiquei como o trabalho informal sempre esteve presente na minha vida através da minha família e, posteriormente, meus “corres” também começaram na informalidade, pois na adolescência e juventude, recorri, inúmeras vezes, a atividades desenvolvidas de forma precária e informal para ter algum dinheiro na mão, algumas delas foram: produção de geladinho, decoração de festas infantis, costura artesanal de calcinhas para crianças, produção de bolos decorados, banca (reforço escolar) para crianças em casa, revenda de pijamas.

Chamo a atenção para o fato de que as autoras e autores com os quais dialogo serão mencionados com nome e sobrenome, sempre que aparecerem pela primeira vez no texto. E este está composto das seguintes partes: a memória como aliada – onde trago o meu encontro com a pesquisa; o trabalho na minha família – como percebi o desenvolvimento laboral entre meus pais e irmãos; trabalho e estudo – apresento os meus passos entre estudo e trabalho remunerado; caminhos apresentados pela educação e pesquisa – mostro como cheguei até a questão da pesquisa; respaldo teórico – diálogo com autoras e autores que tratam das questões de gênero, trabalho, informalidade; afinal... – onde faço as considerações finais.

A memória como aliada

Percorri um longo caminho até chegar na encruzilhada que junta a pesquisa e a pesquisadora, vivendo experiências através de trabalho e estudo, até chegar na porta de entrada para pesquisar sobre as jovens mulheres que empreendem na informalidade em Monte Gordo – Camaçari/BA e apresentar o que me atravessa e o que me tomou de

curiosidade ao ponto de gerar uma pesquisa.

Rememoro aqui as alianças feitas durante todo o meu processo de aprendizagem e ensino, pelas tantas escolas que passei e nos grupos de pesquisa que frequentei e que sem estas inserções, provavelmente, não seria possível esta escrita. Reflito sobre como foi construir este texto e constituir-me parte do Grupo de Pesquisa Enlace³, orientanda da Prof^a Dra. Suely Messeder, que ao compartilhar as minhas ideias, recebi e recebo outras tantas e estas se juntam e se transformam – pois conexões puderam ser feitas e estabelecidas.

Peço licença, permissão à minha mãe e ao meu pai, pois foi pela história deles que cheguei nesta encruzilhada, neste encontro com a mulher pesquisadora. Vivenciei na infância e adolescência o labor deste casal dia e noite, fins de semana e feriados para dar conta da alimentação, pagamento das contas e manutenção da casa sem nenhuma segurança do recebimento do décimo terceiro, das férias, asseguração em caso de acidente ou qualquer outro sistema de proteção ao trabalhador. Ela trabalhava por conta própria com costuras e ele numa fábrica de transformação da amêndoa do cacau em produtos utilizados na fabricação do chocolate que, apesar de atender a todas as exigências de um emprego formal, não tinha nenhuma das seguranças e vantagens como férias remuneradas, salário família, assistência em caso de acidente, por exemplo.

Morávamos numa casa simples, de herdeiros, no centro da cidade de Ilhéus/BA. Meu pai era branco e minha mãe é o que se chama de morena. Eu sou lida como uma mulher branca, condição física que, apesar dos privilégios determinados pela cor, não fez de mim alguém que lida com as diferenças raciais com distanciamento, sempre me envolvi nos debates e o levo para os lugares que me faço presente.

Minha família nunca vivenciou pelo tom da pele, traços fisionômicos e textura dos cabelos a discriminação racial. Entretanto, vivenciamos a discriminação por classe. Meu pai não era leitor e escritor de palavras, mas era leitor de mundo e fez a diferença por onde passou como alguém que se desenrolava bem quando era preciso consertar carros, máquinas, goteiras em casas e outros arranjos que mexessem com ferramentas. Minha

³ Grupo de Pesquisa formado em 2010, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como líderes Suely Messeder e Alfredo Matta. As áreas de predominância são as Ciências Humanas e a Antropologia. As linhas de pesquisa que o grupo acolhe são: Corpos, gêneros e sexualidades na literatura e em textualidades da cultura; Difusão e gestão do conhecimento; Educação e trabalho; Sexualidades e Direitos Humanos.

mãe, uma mulher alfabetizada, letrada, leitora, missivista, mas parecia não saber de todo seu potencial, pois sustenta até hoje um discurso de submissão e silenciamento. Meu pai funcionou para uma parte da família materna de minha mãe como “quebra faca”⁴, principalmente como motorista, no trânsito para as roças de cacau, no fazer consertos nas casas ou mesmo no conduzir alguma madame, que não dirigia, a algum lugar desejado.

Este entendimento me chega hoje como uma luta de classes, uma vez que havia os cacauicultores, dominadores da região de Ilhéus, subalternizando os menos favorecidas e usando esta força de trabalho para maior enriquecimento, aumentando o abismo social e provocando mais empobrecimento, como nos faz refletir Osmar Moreira (2016). E estas diferenças de classe, acentuam o jogo de poder entre quem manda e quem precisa obedecer. E foi neste cenário que cresci, vendo meu pai e minha mãe precisarem se submeter a rotinas exaustivas de trabalho para sobreviverem e darem conta da família, contas, habitação.

O trabalho na minha família

Atravessa-me a relação do trabalho desenvolvido por mulheres como meio de sobrevivência. Minha memória traz-me este como uma ação continuamente presente em minha vida. As lembranças mais antigas me remetem a meu pai saindo e chegando do trabalho de turno numa fábrica de chocolate e minha mãe na máquina de costura. Sobre meus irmãos, não lembro da convivência em casa, pois quando me dei conta, eles estavam morando em outro estado porque foram trabalhar. Toda a movimentação de minha casa girava em torno do trabalho.

Na minha infância e adolescência via minha mãe costurando muito, terminei ajudando-a a fazer bainhas, pregar botões, abrir casas e assim aprendi a costurar. Depois, um irmão dela a fez entender que poderia trabalhar também com venda de confecção. Dessa forma ela passou a viajar com certa frequência para São Paulo, para comprar roupas e revender em Ilhéus. Toda a movimentação financeira era registrada e gerenciada num caderno próprio para datar a entrada, saída, lucro etc. Ela tinha muita facilidade com a

⁴ Expressão local usada na época para identificar, de forma pejorativa, uma espécie de faz tudo sem remuneração ou para ganhar alguma coisa em troca ou algum dinheiro chamado de trocado (pouco dinheiro).

Matemática. Quando o filho que morava em São Paulo foi morar em Salvador, assim como o irmão, as viagens passaram a ser para a capital do Estado, onde comprava o tecido, as pessoas escolhiam a padronagem, o modelo e ela confeccionava.

Também houve a fase da venda de geladinho e depois lanches e refrigerantes, pois morávamos junto a uma oficina de autos com muitos mecânicos e ajudantes. Tudo isso no espaço doméstico, dentro da cozinha de casa e com os próprios artefatos que já possuíamos. Numa época sem seladora...o saco de geladinho era fechado com uma serra na chama de uma vela.

Entendo hoje que o movimento da costura, venda de “confeção”, produção de geladinhos e lanche eram todos trabalhos informais e realizados de forma precária, numa casa desconfortável e dividindo a mesa de jantar para cortar costura, o quarto de dormir como depósito das confecções, este mesmo espaço como provador, os artefatos de cozinha divididos entre o que era para dentro de casa e o que era para as vendas. Tudo feito para complementação da renda, pois meu pai ganhava muito pouco. Thiago Peres (2015) atribui esta improvisação a uma resposta espontânea e criativa em situações em que há baixos salários, como o meu contexto familiar.

Minha mãe se intitulava “girenta”⁵, teorizando, seria o que o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE denomina como característica empreendedora, uma pessoa que via as oportunidades de ganhar dinheiro e as aproveitava. Entretanto, ela não focou em apenas uma atividade, nunca tomou cursos de aperfeiçoamento, nem exatamente montou um plano de negócios. A necessidade surgia e lá ia ela fazer alguma coisa para supri-la.

Eu devia ter uns oito anos quando meu irmão me deu um brinquedo que tinha por finalidade fazer e pintar bonecos de gesso. Uma vizinha gostou e fez uma oferta em dinheiro para tê-los vindo a enfeitar a estante. Quando o Durepoxi (duas massas que se misturam e podem ser modeladas) apareceu em Ilhéus, minha mãe comprou na feira pecinhas de cerâmica para que eu pudesse decorá-las com a referida massa, pintá-las, envernizá-las e vendê-las. Não lembro o que fazia com o dinheiro. A partir daí, entendi que poderia ganhar dinheiro com algo que eu produzisse, de modo que já fiz: digitação de trabalhos acadêmicos em máquina de escrever (curso dado de presente por uma vizinha

⁵ Termo usado por minha mãe, Margarida, para referir-se a uma pessoa que desenvolve muitas atividades para ganhar dinheiro, não tem medo de trabalhar, nem preguiça.

que tinha uma escola de datilografia), decoração de festas, bolos decorados, calcinhas artesanais para crianças, convites e cartões em papel vegetal, conjunto de cozinha e banheiro costurados e pintados à mão, criação e pintura de mandalas em camisas, camisas estampadas com a arte do Pendurado no Firmamento⁶, caixinhas em MDF personalizadas. Como aprendi? Com outras mulheres: mãe, tia e prima e através de revistas como a *Manequim*, as quais tinham matérias sobre moda, beleza, culinária e artesanato, e eram destinadas ao público feminino.

O trabalho me atravessa como mulher e todas as nuances que me envolvem: filha e irmã de trabalhadores, a descoberta muito cedo de uma economia a qual precisava se movimentar para que eu pudesse sobreviver e galgar um patamar para desfrutar de dignidade e um certo conforto, as aprendizagens e trocas, as minhas subjetividades. Por exemplo, ser professora terminou sendo um veredito por ser mulher. Havia engravidado no último ano do curso de Magistério. Logo, era como se fosse um só caminho a seguir, caso quisesse trabalhar sem ser como dona de casa ou na informalidade, arcando com todas as inseguranças, passando longe das regras laborais brasileiras, como nos lembra Maria Cristina Cacciamali (2000).

Uma expressão que sempre ouvi aleatoriamente, e tomei para mim, é “se virar”, ou seja, precisar fazer alguma coisa para viver, nem que seja, com o básico, tentar dar certo. Talvez este seja o incômodo que gerou esta pesquisa. Na adolescência eu queria muitas coisas e dependia de minha mãe me dar. Mesmo fazendo alguns trabalhos manuais, o que eu ganhava era minha mãe que gerenciava. Na juventude (aqui nomearei a fase entre 18 e 30 anos) antes de dar aulas, labor o qual iniciei aos 23 anos, e mesmo trabalhando formalmente, fazia alguma atividade para ter algum dinheiro a mais. Desse modo, gerou-me o interesse saber quais os desejos e necessidades que movem nós mulheres, quando jovens, a desenvolvermos alguma atividade e quais as articulações feitas, inclusive com outras pessoas, e o que se é projetado para o futuro, quais os sonhos. Neste ponto, é importante registrar que acessei à educação universitária após os 30 anos, pois antes não conseguia conciliar: família, trabalho e estudo.

Graça Druck (2011) diz que há uma pressa na política e nos estudos acadêmicos, em identificar e nomear o que há de novo no mundo do trabalho e numa nova sociedade, a qual seria pós-capitalista, pós-moderna, pós-emprego, pós-neoliberal...sendo mesmo

⁶ Desenhos produzidos digitalmente pelo artista visual Pedro Magalhães.

todas essas coisas. Nesse mundo atropelado pelo capitalismo, há a fragilidade dos empregos assalariados com o advento das terceirizações, como ela mesma aponta e acrescento: na busca pela complementação da renda, temos, sim, um novo desenho na sociedade, o que é observável nas jovens que trabalham por conta própria em Monte Gordo.

Chego até este ponto, entendendo que esta pesquisa é para ouvir; percorrer caminhos com e compartilhar aprendizagens de mulheres, ainda no vigor da juventude – fase de incertezas, mas também da construção de sonhos. É também, no meu íntimo, uma forma de fazer jus a tantas Margaridas (nome da minha mãe) que tiveram seus saberes silenciados e invisibilizados pela opressão do patriarcado, o qual fez muitas delas entenderem que lugar de mulher deveria ser dentro de casa, se quisesse “ajudar” o marido, o fizesse em alguma atividade considerada feminina e que fosse desenvolvida no espaço privado.

Trabalho e estudo

Como já mencionado, desde sempre o trabalho me envolveu e muito cedo comecei desenvolvendo atividades informalmente, mas logo percebi que elas poderiam ser um plano B, e não o A. A minha mãe e o meu irmão mais velho sempre me incentivaram a estudar, o que me fez entender de pronto que este seria o passaporte para percorrer outras trilhas e não repetir a história de, pelo fato de ser mulher, ter apenas o espaço doméstico para “me virar” economicamente e cuidar da casa, do marido, dos filhos.

O meu Ensino Médio foi o curso de Magistério, numa escola municipal de Ilhéus/BA. Assim, quando vim morar em Salvador, já casada e mãe de três crianças, ser professora foi um caminho que se apresentou. Diplomada, fui dar aula na escola que minha filha mais velha foi estudar e foi ali, na educação, a minha identificação, por causa das aprendizagens e trocas com pares. O estudo, o trabalho formal em escolas particulares e depois os concursos públicos, me fizeram perceber o mecanismo para fazer o trânsito entre as classes sociais, mas com a consciência de não subalternizar as minhas semelhantes, no caso, outras mulheres.

Entretanto, como citado anteriormente, antes de ter uma carteira assinada e depois

lograr aprovação em dois concursos públicos: Governo do Estado da Bahia e Prefeitura Municipal de Camaçari, também desenvolvi trabalhos informais, pois sempre tive habilidades manuais e precisei lançar mão deste letramento/saber fazer para ter dinheiro a ser gasto com necessidades básicas.

Caminhos apresentados pela educação e pesquisa

Foi como servidora pública da educação estadual e municipal que em 2010 vim trabalhar como professora em Monte Gordo, distrito de Camaçari/BA, município da Região Metropolitana de Salvador. Por gostar de comemorações e festejos, me chamou a atenção que qualquer comemoração feita na escola ou em casa, era preciso buscar bolo, doces e salgados em Lauro de Freitas ou Salvador. Vale lembrar também que outros serviços não eram facilmente encontrados. Eram pouquíssimas pessoas na localidade trabalhando com essas atividades, tornando difícil as encomendas. Entretanto, saltam aos olhos, na comunidade, o quanto aumentou, a partir de 2018/2018, a quantidade de pessoas ofertando os mais diversos serviços, algumas delas egressas do Colégio Estadual de Monte Gordo (CEMG), entre eles os alimentos para festas e também decorações.

Tinha curiosidade em saber o que faziam as ex-estudantes após o Ensino Médio e comecei a percebê-las oferecendo serviços na comunidade, e não apenas indo trabalhar em Guarajuba e região.

Ouvi muito em sala de aula as expressões: “fui fazer um corre”, “estava fazendo um corre” – expressão correspondente a trabalho, quase sempre ligado à informalidade – sem depender necessariamente dos ofícios em hotéis da região ou nas casas em Guarajuba como forma de sobreviver. Dessa forma, para a pesquisa no Mestrado em Crítica Cultural, delineou-se a seguinte questão: como as jovens mulheres que empreendem na informalidade, do distrito de Monte Gordo – Camaçari/BA, aprendem e colocam em prática seus saberes com a finalidade de fazerem seus “corres”? Expressão tomada de empréstimo das falas mencionadas e vistas nas redes sociais, quando muitas destas trabalhadoras por conta própria usam-na em seus dias de lazer.

Respaldo teórico

Como professora de Português, primeiramente, esses saberes me soam como letramento. Em sala de aula procuro identificar o conhecimento de mundo, como aparecem os letramentos de cada estudante através de conversas em grupo, individuais e produção de texto, assim valorizo cada saber trazido e promovo trocas de conhecimento em atividades realizadas em dupla, trio ou grupo.

Segundo Ângela Kleiman (2005) letramento não é um método de ensino, não é o fato de uma pessoa saber ler e escrever e não é propriamente uma habilidade, mas este conjunto imbricado. Ela diz que “está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna” (p. 19). Acrescenta ainda sobre não só escrever de forma legível, mas com sentido; não apenas decodificar, mas entender e transformar o que lê; se comunicar por meio da escrita em situações diversas. A autora resume o termo no seguinte conceito: “conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém. (p. 21).

Áurea Pereira (2018) também discute sobre o conceito de letramento ampliando-o e apresentando uma análise crítica, além das questões conceituais. Ela apresenta a percepção acerca de como uma pessoa considerada letrada tem prestígio social pela forma como se organiza no uso da linguagem em diversas situações. Lembra ainda que, nas sociedades grafocêntricas, pessoas sem escolarização convivem com a escrita, com o mundo letrado e na interação se apropriam também de uma comunicação eficiente.

Portanto reflito se, de alguma forma, a escola teve alguma influência para que tantas jovens se tornassem “empreendedoras” e, sendo assim, quais saberes são mobilizados quando concebem uma ideia, desenvolvem e colocam em prática? Além disso, como mulher, penso nas subjetividades dessa condição, tais quais as sexualidades, as relações raciais, de classe, a prática do ginocentrismo – conceito tratado por María Lugones (2020), segundo a qual, a mulher é o centro, sua sacralidade, sua bênção é sinal de consentimento – que estão na vida destas meninas e a importância de fazer com que mais vozes femininas ecoem, seus saberes sejam conhecidos, como as escolhas feitas, para a conquista de mais direitos e mais espaço.

Encontrei em Mirian Goldenberg (2004) respaldo para afirmar a importância de aprofundar o conhecimento sobre um grupo social e entender um pouco sua trajetória. E, em Suely Messeder (2020), a modelagem da pesquisadora encarnada, ponto no qual, em consonância com a autora, buscarei em minhas memórias da minha vó, minha mãe e minha tia, encontrar o diálogo que faço com essas jovens acerca das aprendizagens, motivações e trabalho.

Outra autora, Heleieth Saffioti (2001), me trouxe a discussão sobre o processo de naturalização de papéis atribuídos às mulheres e os que são atribuídos a homens, tendo como ponto de partida um discurso ideológico forjado por homens, arvorados pela religião e por um pensamento colonizador eurocentrado. Dessa forma, ela diz sobre o fato de ainda que as mulheres tenham uma produção intelectual ou mesmo de trabalhos diversificados, ainda há uma invisibilização histórica, assim como ocorre com outras categorias: pessoas negras, indígenas, população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersex, assexuados e mais – LGBTQIA+. Logo, entendo que compreender a minha trajetória, das que vieram antes de mim e ouvir os saberes, labores e subjetividades de outras mulheres – negras ou brancas – ajuda na construção e no entendimento de histórias, bem como pode contribuir para a deslegitimação da supremacia branca, heterossexual e rica, concordando com Saffioti (2001).

O ato de pesquisar, para Goldenberg (2004), é buscar compreender valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, o que só será possível fazer a partir de um contexto e tendo um significado. É a memória que ajuda a dar sentido a esta pesquisa sobre o trabalho de jovens mulheres. Além disso, ouvi-las é uma forma de praticar a decolonialidade (MESSEDER, 2020), pois são mulheres subalternizadas por um sistema socialmente opressor, acentuado por uma questão geográfica, uma vez que Monte Gordo está de um lado da BA 099 e Guarajuba do outro lado – que é o lado do mar. Local constituído por condomínios de alto padrão arquitetônico, demonstrando o poder socioeconômico de quem tem casa ou circula na região, no caso “o barão”⁷, como denomina a população de Monte Gordo – sujeito o qual, muitas vezes, só vem à região para o lazer, e não residir. Dessa forma, quem vive em Monte Gordo é o coletivo de trabalhadoras e trabalhadores dos condomínios ou que vão, de forma autorizada, prestar

⁷ É comum, nesta região, estudantes e responsáveis referirem-se a quem tem casa em Guarajuba, como “barão”. Lembrando que houve uma nota de 1000 cruzeiros com a imagem de Barão do Rio Branco.

algum serviço de pedreiro trabalhar nas cozinhas, faxinas e jardins.

Na pesquisa, percebi que estas jovens, trabalhadoras por conta própria, buscam mudar este cenário de subalternidade, quando entendem que podem ser protagonistas da própria história e fazer diferente das suas famílias.

Afinal...

A imersão no tema da pesquisa se faz não somente através de leituras e contato através de metodologias como uso de questionários, entrevistas, histórias de vida, revisão bibliográfica, etnografia dentre outras metodologias, mas também através do encarne na pesquisa, quando é possível, através da própria história, memórias, vivências e leituras de mundo fazer o agenciamento do tema.

A elaboração do texto para imergir na pesquisadora encarnada é um exercício que precede a escrita da dissertação, embora, à medida que se escreve retoma-se pontos, acrescenta-se relações com as teorias. Esta metodologia possibilita um diálogo aprofundado com o tema, o uso da memória e também vivências como parte do aporte teórico.

Trazer a memória da presença do trabalho constante em minha família foi um caminho para entender os rumos da pesquisa, ou seja, o discurso contemporâneo acerca do empreendedorismo e a invisibilização do trabalho informal. Pois, poderia entender minha mãe como uma mulher empreendedora, uma vez que ela sempre procurava inovar na costura, quando passou a fornecer também o tecido; na venda de confecção, ao tentar atender à diversidade de clientes em seus corpos e gostos; no saque de vender geladinho e depois lanches porque morava vizinha a uma oficina mecânica. Porém, ela nunca teve um espaço físico apropriado para fazer seus “corres”, nem conta bancária jurídica, nem planejamento das ações, tampouco um lucro para usufruir, além do capital de giro.

Entendi também neste encarne que existe um preconceito racial latente neste país, o qual discrimina e diminui pessoas pelo tom de pele e textura dos cabelos, mas também existe uma forma de tratamento muito dura dispensada a pessoas de classes menos abastadas, como foi o caso da minha família – ressaltando aqui que os dois preconceitos não são na mesma dimensão, pois o primeiro mata mais que o segundo.

O caminho que me trouxe até Monte Gordo foi o do trabalho – ser educadora na comunidade. E aqui foi me chamando a atenção as relações trabalhistas que se estabelecem e as necessidades que surgem de mão de obra especializada, por exemplo, uma vez que há uma escassez, desta forma as pessoas terminam trabalhando nos chamados subempregos, com remuneração menor e carga horária maior.

Foi no levantamento/encarne da minha história de vida que pude entender mais sobre como se organizam pessoas trabalhadoras por conta própria através do grupo de mulheres que formei para a pesquisa. São 10 jovens mulheres que realizam atividades como: boleira, doceira, designer de sobancelha, agricultora, vendedora de cestas presenteáveis, vendedora online de roupas, cabeleireira, dona de quiosque, quem faz geladinho, empadas. Todas elas foram estudantes do Colégio Estadual de Monte Gordo e mostraram-se mulheres fortes, independentes e conscientes do papel importante que desempenham como mulheres e, a maioria, reconhece e valoriza sua negritude. E pude compará-las com as mulheres que me cercaram durante a minha infância e adolescência: mãe, avó, tia e prima – as quais também mostraram fortaleza, mas muito mais submissão a um poder patriarcal.

Ser a pesquisadora encarnada permitiu-me poder usar a memória para ajudar a entender como o tema me atravessou, assim agenciá-lo e olhar com empatia para as questões com as quais me deparei: informalidade e precarização do trabalho dos sujeitos da pesquisa, ou seja, as mulheres com as quais dialoguei e aprendi. Isto ajudou-me a perceber e entender com mais profundidade como o trabalho informal esteve presente na minha vida através, principalmente, dos “corres” de minha mãe e dos meus, quando precisei lançar mão de habilidades manuais para conseguir continuar transitando pelo mundo com o mínimo de dignidade, satisfazendo as necessidades básicas, até me tornar celetista e depois funcionária pública. Relembro que neste meu percurso de trabalhadora, a educação universitária só chegou após os trinta anos. Também entendi, com criticidade, o funcionamento da comunidade de Monte Gordo, identificando uma comunidade trabalhadora, sendo boa parte, por conta própria. Neste lugar encontrei histórias de trabalho, de luta pela sobrevivência, de precisar abrir mão, muitas vezes, da educação para continuar comendo. Assim como as histórias que vi passarem diante de mim, perto de mim, dentro da minha própria família.

Referências

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 153-174, dez. 2000.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso "ensinar" o letramento?**: Não basta ensinar a ler e a escrever?. Brasília: Mec, 2005.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.

MESSEDER, Suely Aldir; NASCIMENTO, Clebemilton (org.). **Pesquisador(a) Encarnado(a)**: experimentações e modelagens no saber fazer das ciências. Salvador: Edufba, 2020.

MOREIRA, Osmar. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes. Acerca da ideia de grupo e a produção de conhecimento científico encarnado. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 223, p. 24-34, ago. 2020. Bimestral.

PERES, Thiago Brandão. Informalidade: um conceito em busca de uma teoria. **Abet**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 270-289, dez. 2015.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Letramento, empoderamento e aprendizagens**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001.